

MEC propõe fim do sistema de repetência nas escolas

Estudo sobre ensino no Brasil mostra que quanto mais tempo o aluno fica na mesma série menos absorve conhecimentos

Rodrigo França Taves

Roberto Stuckert Filho

♦ **BRASÍLIA.** O Ministério da Educação (MEC) sugeriu ontem aos estados e municípios que acabem com o sistema de repetência escolar no Primeiro e no Segundo Graus. A sugestão se baseia nos resultados do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (Saeb) — uma pesquisa sobre a qualidade do ensino em que o MEC aplicou testes em mais de 90 mil alunos de escolas públicas e privadas. A pesquisa mostrou que, quanto mais tempo o aluno permanece na mesma série, menos absorve conhecimentos. Pela escala do Saeb, o rendimento de um estudante que entra na quarta série com a idade apropriada (10 anos) é 40 pontos superior ao de outro que, devido às repetências, cursa a mesma série cinco anos mais velho. A informação foi apresentada ontem pela secretária de Avaliação e Informação Educacional do MEC, Maria Helena Guimarães, aos secretários estaduais de Educação como “um estímulo para que os Governos se mobilizem contra a repetência”.

De cem que entram na primeira série, só 50 concluem a oitava

Segundo ela, a repetência desestimula os alunos, faz com que abandonem a escola e não acrescenta nada em termos de aprendizado. De cada cem alunos que entram na primeira série, só 50 deles concluem a oitava.

— Está na hora de estudar a substituição da repetência por aulas de reforço individual, por reforço para grupos de alunos ou mesmo pelo sistema de matrícula com dependência de disciplinas



MARIA HELENA Guimarães, secretária de Avaliação do MEC: “Está na hora de estudar a substituição da repetência”

— disse a secretária do MEC.

A pesquisa — realizada com alunos de 2.289 escolas públicas e 511 particulares — mostrou outros dados desanimadores. Nada menos do que 35% dos alunos de quarta série não alcançaram o índice mínimo de conhecimentos em matemática (não são capazes sequer de somar números naturais) e 32% mostraram desconhecer pelo menos o básico de português (para compreender frag-

mentos de textos). No Segundo Grau, a situação é ainda pior: mais de 60% dos alunos da terceira série não dominam sequer os conteúdos de matemática da sexta, sétima e oitava séries do Primeiro Grau. Passaram mais três ou quatro anos estudando e não aumentaram os conhecimentos.

— O ensino fundamental está melhorando aos poucos, mas o secundário é simplesmente uma tragédia. O currículo secundário

é enciclopédico. Talvez a solução seja diminuir o conteúdo e fazer um ensino modular. Na segunda série do Segundo Grau, metade do ensino seria diferenciado por área de interesse e na terceira os alunos seriam divididos por cadeiras — sugeriu a secretária.

O ministro Paulo Renato Souza quer que, para melhorar o nível do Segundo Grau, as escolas contratem professores universitários. Mas com a desvalorização

da carreira de professor, a procura pelos cursos de licenciatura caiu muito e as universidades deixaram de formar mão-de-obra para as escolas. No Rio e em São Paulo há déficit de docentes qualificados para o Segundo Grau.

O Saeb comprovou também o que já se sabia: os alunos da rede privada apresentaram desempenho superior aos das redes estadual e municipal, tanto em português quanto em matemática, e em todas as regiões do país.

Grau de escolaridade dos pais ajuda desempenho dos filhos

MEC atribuiu o resultado não à diferença de qualidade de ensino, mas ao grau de escolaridade dos pais dos alunos. Explica-se: pelos argumentos da secretária Maria Helena Guimarães, ficou claro que “o grau de escolaridade dos pais é decisivo na formação dos filhos”. Como os pais que têm recursos para pôr os filhos em escolas privadas geralmente possuem um maior nível de escolaridade, seriam eles os responsáveis pelo nível de aprendizado mostrado pelos filhos.

Estudo do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) divulgado ontem mostra que a América Latina gasta mais em saúde e educação do que outras regiões subdesenvolvidas, mas tem resultados piores.

“Apesar de anos de esforços, dos compromissos públicos e de bilhões de dólares gastos, o nível de educação da força de trabalho e a saúde da população são muito piores do que deveriam ser, dado o nível de desenvolvimento econômico e social da região”, diz o documento do BID. ■